

# LÍNGUA PORTUGUESA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS PRODUZIDOS NO BRASIL

ANGELA MARIA GOMES  
(ORGANIZADORA)

# LÍNGUA PORTUGUESA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS PRODUZIDOS NO BRASIL

ANGELA MARIA GOMES  
(ORGANIZADORA)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L755 Língua portuguesa e os estudos literários e linguísticos produzidos no Brasil [recurso eletrônico] / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-81740-10-8  
 DOI 10.22533/at.ed.108201902

1. Educação. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 410

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Podemos vislumbrar a literatura representando a plenitude funcional da linguagem, um saber da Língua não limitado à competência idiomática. “Língua Portuguesa e os Estudos Literários e Linguísticos produzidos no Brasil” nos traz pesquisas que abordam relações entre os campos literário e linguístico, a integração entre os ensinamentos de língua e literatura, as quais constituem uma forma conjunta e única da nossa cultura.

A leitura constitui uma atividade central tanto para a formação docente em si, como para a construção de ações didático-pedagógicas à altura das exigências e complexidades dos espaços sociais e institucionais da sociedade contemporânea. A experiência com o texto literário, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto, colabora também para a construção de um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas.

Aqui encontramos reflexões que vão ainda além: o universo das práticas pedagógicas com foco no ensino de literatura e psicanálise, propondo-nos como objetivo uma prática de ensino construindo uma interface entre a psicanálise junguiana e a literatura gótica vitoriana; a poesia nos apresentada como a verdade da obra dramática e a escrita literária revelada como uma partitura verbal para a linguagem poética na obra do dramaturgo Ariano Suassuna; a análise dos aspectos espaciais, não apenas como elementos estáticos em uma narrativa, mas com uma significativa funcionalidade dentro do texto literário, analisado aqui na obra do escritor português José Saramago.

Entre tantos gêneros e composições literárias, o conto é uma narrativa curta que gira em torno de um só conflito, com poucos personagens. Mas Como ler um conto de três parágrafos apenas? Pode um título ser um verso que em seis palavras condensa os mais variados mistérios da vida? Estas e outras reflexões literárias você encontra aqui!

Angela M. Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
"A VERDADEIRA CASA DE CADA UM É O SÍTIO ONDE DORME" – ESPAÇO EM <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i>	
Yane Scavinski	
DOI 10.22533/at.ed.1082019021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A ESCUTA POÉTICO-MUSICAL DE "UMA MULHER VESTIDA DE SOL": LITERATURA E MÚSICA EM UNIDADE PERFORMÁTICA NA OBRA DE ARIANO SUASSUNA	
Célia Patrícia Sampaio Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.1082019022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A LEITURA COMO ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: HÁ UM OUTRO CAMINHO?	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.22533/at.ed.1082019023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
DEFICIENTE AUDITIVO E SURDO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Sílvia Cleide Piquiá dos Santos Ilza Galvão Cutrim	
DOI 10.22533/at.ed.1082019024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENSINANDO INTERATIVIDADE AOS PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA COM AUXÍLIO DO MOODLE EM SALA DE AULA	
Felipe Bertelli Levez Fabriciu Alarcão Veiga Benini	
DOI 10.22533/at.ed.1082019025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
LITERATURA E MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR	
Diana Patricia Ferreira de Santana Neide Biodere	
DOI 10.22533/at.ed.1082019026	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
"MENTIRAS E VERDADES NO MESMO CHÃO": UMA TRAVESSIA PELO CONTO DE MARIA LUCIA MEDEIROS	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.1082019027	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
O MÉDICO E O MONSTRO EM INTERFACE COM A PSICANÁLISE JUNGUIANA: UMA PROPOSTA PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LITERATURA	
Gabriel Penteado Rocha Lucia Maria dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1082019028	

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 90**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 91**

## A LEITURA COMO ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: HÁ UM OUTRO CAMINHO?

*Data de aceite: 14/02/2020*

**Heliud Luis Maia Moura**

Universidade Federal do Oeste do Pará

Santarém – Pará

<https://orcid.org/0000-0003-3259-6614>

**RESUMO:** Este trabalho propõe-se a discutir a leitura como espaço da formação de docentes de língua portuguesa, considerando as atividades pedagógicas realizadas na Educação Básica e as implicações dessas atividades para a construção da prática cidadã. Tomo como referencial teórico as postulações de Bakhtin (2010a), Colomer e Camps (2002), Kleiman (2007, 2011, 2013, 2016), Koch e Elias (2009a, 2009b), Machado, Castanheira, Bessa e Oliveira (2012) e Moura (2005, 2009, 2014, 2016), para esses autores, a leitura constitui uma atividade central não só para a formação docente em si mesma, mas também para a construção de ações didático-pedagógicas à altura das exigências e complexidades dos espaços sociais e institucionais da sociedade contemporânea. As análises realizadas referendam a premissa de que a leitura, sendo constitutiva da formação de professores, tem seus desdobramentos na forma como os

docentes realizam suas atividades no espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação docente; leitura; ensino de língua portuguesa.

**ABSTRACT:** This paper proposes to discuss reading as a space for the training of Portuguese-speaking teachers, considering the pedagogical activities carried out in Basic Education and the implications of these activities for the construction of citizen practice. I take as a theoretical reference the postulates of Bakhtin (2010a), Colomer and Camps (2002), Kleiman (2007, 2011, 2013, 2016), Koch and Elias (2009a, 2009b), Machado, Castanheira, Bessa and Oliveira (2012) and Moura (2005, 2009, 2014, 2016), for these authors, the reading is a central activity not only for teacher training itself, but also for the construction of didactic-pedagogical actions in keeping with the demands and complexities of social spaces and institutional aspects of contemporary society. The analyzes carried out refer to the premise that reading, being constitutive of teacher training, has its consequences in the way that teachers carry out their activities in the school space.

**KEYWORDS:** teacher training; reading; Portuguese language teaching.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o modo como a leitura, enquanto processo formativo, tem contribuído para a formação dos docentes de Língua Portuguesa e para suas atividades pedagógicas no âmbito da educação básica, compreendendo que a leitura se constitui como eixo básico para a formação dos professores. Tomo como referencial teórico as postulações de Bakhtin (2010a), Colomer e Camps (2002), Kleiman (2007, 2011, 2013, 2016), Koch e Elias (2009a, 2009b), Machado, Castanheira, Bessa e Oliveira (2012), Moura (2005, 2009, 2014, 2016) para os quais a leitura constitui uma atividade central não só para formação do docente como também para a consecução de ações pedagógicas significativas no âmbito da formação do aluno cidadão crítico-reflexivo.

## 2 | BASES TEÓRICAS

Como todos sabemos, nenhuma formação inicial é autossuficiente, válida para todos os momentos do processo histórico-social, ainda mais se considerarmos a rapidez com que as transformações sociais, tecnológicas e científicas têm acontecido ultimamente, mais precisamente no contexto da Pós-modernidade. Nesse sentido, a formação inicial não prescinde da formação contínua que, não sendo substitutiva desta primeira, constitui uma forma de repensá-la e ampliá-la, dando oportunidade aos docentes de atualizar/transformar as metodologias de ensino de língua, que devem sempre estar atreladas às exigências das práticas sociais do mundo pós-moderno.

Para que essas transformações aconteçam, mediante o próprio uso dos recursos tecnológicos, é necessário formar professores leitores, detentores de uma visão crítico-reflexiva das formas de pensar a realidade social. Para não simplificar e/ou distorcer o que significa a formação de profissionais críticos, é necessário também construir instrumentos por meio dos quais esses docentes tenham acesso à informação, aqui entendida, segundo Moura (2014) – com base em Moura (2005, p. 90) – “como uma ampla e significativa informação teórica, no sentido mais profundo desta palavra”, especificamente como apropriação de diferentes saberes, que, por sua vez, capacitam tais profissionais a compreender a realidade como construída em diferentes ações de linguagem, caracterizadas como dinâmicas, heterogêneas e instáveis.

Logo, a apropriação da informação supracitada passa pelas mais diversas atividades de leitura, que passam a se constituir como instrumentos informativos/formativos do docente. Nessa perspectiva, as atividades de leitura devem se apresentar como um aparato para o exercício da reflexão, são uma espécie de

ascese na construção do pensamento analítico-reflexivo, que opera a partir de uma concepção dialética do mundo, em constante processo de mudança e conflito. Dada essa visão, não é possível compreender a formação docente sem a presença da atividade leitora, que, na perspectiva de Gramsci, torna o educador intelectual orgânico, o condutor de um conjunto de saberes, com os quais indivíduos tornam-se cidadãos corresponsáveis e coparticipantes nas decisões políticas.

Frente ao exposto, o professor-leitor é capaz de tornar a leitura, segundo as postulações de Colomer e Camps (2002, p. 7), uma “atividade ‘real’ na escola em todas as suas funções e em todo tipo de textos” dispondo aos aprendizes múltiplas possibilidades no que concerne a uma interpretação mais profunda e ampla dos fatos sociais, da própria história enquanto jogo dialético de forças. Nesse âmbito, o professor constitui o profissional crítico, aquele que é capaz de instigar os sentidos preconstruídos no mundo biossocial, de modo também a apontar para lugares vazios a serem preenchidos nos diferentes textos/discursos.

De acordo com Machado, Castanheira, Bessa e Oliveira (2012), a escola constitui-se como a principal agência de letramento da sociedade. Kleiman (2007) fala da importância de o professor também constituir-se como pesquisador, o que implica dizer que deve ser conhecedor das práticas sociais nas quais as escolas, enquanto espaço de formação de saberes, se insere. Nesse sentido, deve ter sua prática pedagógica centrada na cultura do aluno, sendo este concebido como sujeito sócio-histórico, capaz de pensar reflexivamente a própria realidade. Por essa perspectiva, o professor é um importante agente construtor da cidadania, na medida em que, como leitor proficiente e instigante, conduz os aprendizes a um eficiente processo de desvelamento do universo social em que estão imersos, enuviado por constrictões simbólico-ideológicas, devendo tal universo ser compreendido em suas dimensões política, histórica, social e cultural. Assim, o professor é mesmo um agente-educador-letrador, que se coloca como intelectual transformador em relação a práticas alienantes ou alienadoras, tendo a leitura como instrumento de mudança, da qual os cidadãos não podem prescindir, sob pena de ficarem alijados dos benefícios a que têm direito.

Levando em conta o que até aqui foi dito, justifico a realização deste trabalho, que, em sua especificidade, visa implementar espaços de formação de professores leitores, precisamente professores da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) em atuação nas redes Municipal e Estadual da Zona Urbana de Santarém, compreendendo, nesse contexto, duas escolas do nível fundamental maior e duas do ensino médio, objetivando-se propor reflexões teórico-metodológicas acerca de práticas de leitura, sem se deixar de considerar a prática da escrita, que não sobrevive sem a primeira e da qual constitui “a outra face da mesma moeda”, moeda de valor em circulação na sociedade, espaço político de inserção dos indivíduos

nas mais diversas atividades sociais. Por outro lado, este trabalho deve se constituir num locus político-pedagógico de intercâmbio de experiências entre docentes quando do exercício de suas atividades profissionais, entendendo-se esse locus como suporte necessário para transformações ou mudanças no que tange a práticas ultrapassadas em atividades de leitura, infelizmente ainda presentes nas escolas. Acrescento como justificativa o fato de o trabalho poder possibilitar a ampliação de espaços e atividades de leitura para docentes aí envolvidos, vislumbrando-se mudanças de perspectivas e de posturas no âmbito dessas atividades, que, sendo complexas e diferenciadas em sua natureza, requerem múltiplas e criativas metodologias, especificamente no que se refere aos contextos em que ocorrem.

Uma outra justificativa que respalda este trabalho, reside na questão de que é necessária a construção de novos paradigmas epistemológicos para o contexto da formação contínua dos professores de língua portuguesa, o que poderá acontecer, de acordo com os propósitos deste trabalho, por meio de um espaço de diálogo entre a Universidade e as escolas públicas municipais e estaduais, no qual tenho por objetivo implementar espaços de formação e de diálogo entre os professores participantes, considerando, nesse contexto formativo, o contato desses docentes com teorias de leitura, precisamente as teorias de base cognitivista, tendo em conta o contributo efetivo destas para o ensino da leitura e da escrita, já que se apresentam como intercambiáveis e não estanques no processo de formação de cidadãos leitores informados, reflexivos e avaliativos das diferentes atividades sociais, construídas em/pela linguagem, capazes de uma atitude responsiva (Cf. Bakhtin, 2010, p. 272) quando socialmente interpelados nos vários lugares por onde transitam e atuam.

Para este trabalho, tomo como referencial teórico de base as postulações de Kleiman (2011, 2013, 2016); logo, segundo essas postulações, a leitura é considerada como uma atividade social. Nesse sentido, segundo a autora, a prática da leitura tem como condição o fato de esta remeter necessariamente a outros textos e outras leituras. Assim, ao lermos um determinado texto, acionamos valores, crenças e posturas, os quais, de uma forma ou de outra, reconstróem a visão do grupo social a partir do qual se deu nossa inserção na nossa própria cultura.

Tomo também como fundamento teórico as concepções de Koch e Elias (2009a, 2009b), para as quais a leitura é uma atividade interacional na qual os sujeitos são constituídos como atores sociais, sendo construtores dos textos e ao mesmo tempo construídos neles, considerando, aí, o próprio locus da interação e da construção desses atores. Logo, no âmbito deste trabalho, a educação leitora dos professores da educação básica pressupõe o entendimento de que a leitura é tanto um meio quanto um fim para a construção da prática cidadã, pois é no processo da própria atividade leitora que se abre caminhos para a constituição

de sujeitos analítico-reflexivos e responsivos quando do embate destes com as forças históricas da sociedade hegemônica, cujos valores subjagam os interesses e demandas de grupos e classes historicamente excluídos e, conseqüentemente, despossuídos do acesso aos bens sociais e culturais.

Ainda considerando o referencial teórico em questão, opto também pelas postulações de Moura (2016), as quais tomam por base a concepção de que a leitura é um processo dinâmico e irreversível de apreensão e avaliação do universo biossocial e cultural, indo esta de atividades mais elementares de contato com a realidade até atividades mais complexas de interpretação desse mesmo universo, como, por exemplo, de formas de apropriação dos discursos científicos e filosóficos. Daí postular o autor acerca da ideia de que a leitura constitui-se de atividades bastante heterogêneas, diferenciadas e múltiplas, exigindo também dos leitores diferentes proficiências e habilidades, devendo estes alcançar algumas e não outras no transcurso de suas vivências e experiências de mundo. Dada essa noção, não alçamos todas essas proficiências ao longo de nossa vida. Isto não quer dizer que não possamos adquirir/desenvolver algumas habilidades de leitura nas várias áreas do conhecimento, mas não de maneira propriamente proficiente ou plena, o que demandaria muito tempo e muitos recursos, limitações concernentes a esse âmbito inviabilizam o desenvolvimento pleno de tais habilidades. Também porque há um número muito grande de áreas do saber, comportando estas muitas subáreas e especificidades, por sua vez também comportando nuances ou características próprias.

As postulações de Moura (2016) reafirmam a questão de que ação de ler compreende, na maioria das vezes, um trabalho contínuo e persistente de apreensão dos mais diferentes significados em circulação no mundo, nem sempre fáceis de serem compreendidos e interpretados, requerendo-se dos leitores diversos tipos de habilidades, sem as quais não poderão transitar, de modo satisfatório, nos espaços sociais, nos quais se exige competências discursivas adequadas ou coerentes com as práticas de linguagem mobilizadas nesses mesmos espaços ou instâncias.

Por fim, as bases teóricas aqui apontadas respaldam, do ponto de vista epistemológico, a natureza deste trabalho, que objetiva constituir-se como um espaço para a formação de professores em pleno curso de suas atividades docentes, de forma a se viabilizar reflexões sobre o papel do professor-leitor na educação básica, entendendo que, sem a presença desse profissional, o nível de informação leitora dos alunos não estará à altura das exigências requeridas pelas práticas sociais em seus mais variados contextos.

### 3 | METODOLOGIA

O corpus em análise integra um conjunto de 10 (dez) relatos de experiência de professores que atuam no Ensino Fundamental Maior, sendo 5 (cinco) de professores mestrandos do Profletras e 5 (cinco) de professores de escolas públicas municipais, mas que não fazem parte do Profletras. Estes relatos constituem um dos instrumentos de pesquisa do projeto intitulado “A leitura como espaço para formação de professores da educação básica: há um outro caminho?”. Dos 10 (dez) relatos mencionados escolhi 2 (dois) para esta análise, com objetivo de observar, ainda que preliminarmente, o modo como esses professores falam de suas atividades de leitura em sala de aula e, concomitantemente, da relação entre a sua formação inicial e/ou contínua e as atividades pedagógicas de ensino da leitura.

Logo, tais relatos trazem evidências das práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula e da interferência da formação leitora desses professores nessas práticas, o que implica as próprias concepções que os professores têm em relação ao ato de ler, ainda arraigado em práticas reificadas, obsoletas e tradicionais, com consequências para as práticas pedagógicas mobilizadas nos espaços escolares. Por outro lado, observam-se nos relatos tentativas de avanço e práticas leitoras que, de certa forma, superam concepções e ações já cristalizadas, permeadas de crenças e com pouca possibilidade de inovação nesse campo. A pesquisa, ora em andamento, tenta apontar sugestões metodológicas que possam integrar leitura, oralidade, escrita e análise linguística (ADIs), conforme postulado por Moura (2017).

Os recortes analisados são de duas professoras do Profletras ingressantes no ano de 2017 e apontam tanto para as práticas mais conservadoras como para práticas mais significativas, especificamente aquelas em que os aprendizes se constituem como leitores mais autônomos, proficientes e interventivos.

### 4 | ANÁLISE DOS RELATOS

A análise do relato 1 objetiva apresentar alguns recortes de um relato de experiência de uma professora do ensino fundamental II, no qual tece comentários sobre sua ação docente, especificamente no que tange a leitura e a escrita e em que essas atividades estão dissociadas, quando deveriam ser intercambiáveis e consorciáveis. Considerando as práticas formadoras dos professores e as crenças advindas dessas práticas, observa-se ainda, conforme a fala da docente, uma ação pedagógica um tanto impositiva no âmbito da leitura e da escrita, fato que retira a possibilidade dos alunos de se constituírem como agentes do que leem e escrevem, corroborando-se, portanto, produções de leitura e escrita mecânicas, pouco reflexivas e dissociadas das experiências sociais dos aprendizes, tendo em

conta o fato de que circulam por diversas instâncias dos contextos sociais, nos quais precisam se colocar como indivíduos que avaliam e refletem não só sobre seus discursos, mas também acerca dos mais díspares discursos em circulação no universo biossocial de que fazem parte ou por onde transitam. Observe-se o relato:

### Relato 1.

Meu nome é Maria do Socorro Santos, sou professora de Língua Portuguesa da rede estadual há cinco anos, ministro aulas para turmas de ensino fundamental e de ensino médio e sempre estive preocupada com minha prática pedagógica. Às vezes, me sinto frustrada com algumas atividades que parecem não ter nenhum sentido para a formação dos meus alunos. Essa frustração ao mesmo tempo que me preocupa me impulsiona a buscar novos modos de ensinar.

Essa procura por um ensino-aprendizado significativo me fez reestruturar uma atividade proposta no livro didático do nono ano. O capítulo traz o título: “O registro de mim mesmo”. Abaixo desse título tem um comentário sobre a união do celular com a máquina fotográfica e em seguida um painel de imagens com pessoas fazendo selfie. Na página seguinte algumas perguntas sobre as imagens e um subtítulo “Produção de texto” A Reportagem. Posteriormente, traz uma reportagem sobre o uso excessivo de aparelho celular.

Lemos esse texto, respondemos as questões relacionadas tanto ao conteúdo quanto as características do gênero. Em seguida os autores propõe que os alunos formem grupos a fim de produzirem uma reportagem sobre o tema: “Os jovens de hoje e a tecnologia” e apresentam um grupo de cinco aspectos que podem ser discutidos na reportagem. Dizem que os alunos podem abordar outros aspectos além dos propostos e após concluírem a reportagem devem montar um jornal, incluí-la e expor o jornal.

Decidi ficar com os temas propostos e formei cinco grupos. Pedi que eles pesquisassem sobre os temas e apresentassem na sala com a utilização de cartazes. Lembro que o primeiro grupo a expor quase não se ouvia a voz das alunas, a maioria estava muito nervosa e a estética dos cartazes muito ruim. Pedi que elas reapresentassem em outra aula. Essa atitude me fez bem, porque geralmente eu avaliava, dava uma nota e o trabalho ficava como estava. Percebi que dar uma nova chance ao grupo fez com que o trabalho melhorasse e motivou os demais grupos a se empenharem mais. Melhorando. Senti que estávamos tendo sucesso.

O seminário foi muito bom, os alunos se envolveram, se identificaram com alguns dos problemas relativos ao uso abusivo do celular, contaram suas próprias histórias, de seus familiares e amigos. Ao término do seminário pedi que cada grupo produzisse uma reportagem para montarmos uma revista com os textos das três turmas de nono ano. Eles concordaram e também duas alunas socializaram as temáticas no evento realizado pela escola em homenagem as

mães.

Agora estamos esperando um momento para socializarmos com a comunidade escolar estes textos. Estou pensando em pedir que eles exponham a revista na feira científica ou de uma outra forma.

Esta atividade foi muito interessante pra mim, porque pude vê-los lendo, pesquisando, produzindo textos orais, retextualizando e percebi a presença de outros gêneros na produção da reportagem. Observei também um aspecto negativo: a falta de autenticidade no texto escrito, pois a maioria dos grupos só copiou o que estava nas pesquisas. Senti falta de um laboratório de informática para que eu pudesse acompanhá-los na produção e principalmente para que eles pudessem aprender a formatar os textos como eles aparecem nas revistas.

Neste relato verifica-se, inicialmente, que a professora se sente frustrada quanto às atividades que desenvolve, mas, ao mesmo tempo, preocupada em buscar “novos modos de ensinar”, no entanto, como o próprio relato traz, utiliza-se de uma atividade proposta no livro didático, valendo-se de perguntas apresentadas na seção “Produção de texto” – a reportagem, que se refere à união do celular com a máquina fotográfica, mostrando um painel de imagens com pessoas fazendo selfie. Logo depois, tem-se uma reportagem sobre o uso excessivo do celular. Esse trecho do relato evidencia que a professora fica restrita à utilização do livro didático, por outro lado, a atividade de leitura que deveria antecipar a produção textual, praticamente inexistente, há, por conseguinte, uma pressa na resolução de atividades.

Mais adiante, observam-se preocupações com o conteúdo e características do gênero, desse modo, as atividades apresentam-se direcionadas para aspectos mais superficiais dos itens apontados. Os alunos formam grupos para a produção de uma reportagem sobre o tema “O jovem de hoje e as tecnologias”. Assim, conforme o relato da professora, não há discussões prévias sobre a temática em questão, o que poderia ser feito por meio de gêneros como: debates, júris simulados, seminários, conversas entre grupos de alunos, mas que deveriam estar subsidiados por textos de base referentes à temática em pauta.

No mesmo excerto, observa-se que a professora solicita a produção de uma reportagem e inclusão desta num jornal. A docente não exemplifica com modelos de reportagem e de construção de um jornal. As atividades, como detectado, são impositivas, não se apontando estratégias ou caminhos para a construção desses gêneros.

Num outro excerto do relato, a professora solicita que os alunos pesquisem sobre temas e os apresentem na sala em forma de cartazes, quando deveria apresentar textos previamente, comentar a temática de alguns deles e exemplificá-los em cartazes produzidos por ela mesma ou retirados de algum suporte. Vê-se

que a docente tem por objetivo a produção dessas atividades, mas não investe em metodologias antecipatórias que conduzam à produção dos textos que está requerendo. De acordo com o relato, a professora apressa-se na avaliação dos trabalhos e em dar nota, mesmo pedindo que os rerepresentem num outro momento. No relato, a professora afirma que os alunos se envolveram na atividade e se identificaram com algum dos problemas referentes ao uso excessivo do celular, “contaram suas próprias histórias, de seus familiares e amigos”. Pede também que os alunos produzam uma reportagem, mas não indica os caminhos ou estratégias retórico-discursivas para a produção do gênero, assim como para a construção do seminário que antecede a produção da reportagem.

Finalmente, a professora observa a falta de autenticidade no texto escrito, já que a maioria dos grupos apenas copiou o que estava nos textos de suas pesquisas. A professora também sente falta de um laboratório de informática, a fim de que pudesse acompanhar a produção dos alunos. De qualquer modo, não há atividades prévias de leitura, a partir das quais os alunos pudessem discutir com mais profundidade os temas, assim como não há um acompanhamento mais detido e menos apressado do processo de escrita de textos produzidos, o que vai cair em meras atividades de cópia, desconsiderando-se a capacidade linguístico-discursiva e sociorretórica dos aprendizes, tendo em vista o fato de que podem falar de temas, a partir da própria compreensão/interpretação que fazem destes.

Em suma, como o próprio relato enfatiza, as atividades de leitura/escrita, realizadas pela professora, não avançam sob uma perspectiva na qual os discentes consigam se colocar como agentes de seus discursos, em que a leitura deve se constituir como um processo contínuo e inexaustivo que leve a produção tanto de textos escritos quanto de textos orais, objetivando-se a formação de leitores/escritores capazes de uma atitude responsiva (cf. Bakhtin, 2010a) diante dos diferentes textos/discursos em circulação nos espaços sociais e institucionais por onde transitam ou transitarão *a posteriori*.

A análise do relato 2 visa discutir alguns recortes de um relato de experiência de uma professora do ensino fundamental II. Esses recortes apontam para avanços em relação a práticas leitoras que se constituem como significativas em relação a práticas estabilizadas ainda realizadas em muitas escolas. O que a professora realizou, na modalidade oficina, pode ser também implementado na sala de aula, com certas modificações. Conforme o relato, as ações da docente primam por criatividade e compromisso político. Contudo, a sua formação constituiu um dos fundamentos pelos quais consegue avançar em suas atividades diárias de ensino de língua. Constata-se, no depoimento da professora, uma postura crítico-analítica no que tange às atividades desenvolvidas nas salas de aula em termos de leitura e escrita. Embora precise avançar mais, a docente possui um propósito definido no

que concerne a esses avanços, saindo das práticas obsoletas e comodificadas para ações que possam se constituir como significativas para as experiências leitoras dos seus alunos, tendo em conta que estes necessitam de autonomia e reflexão quando leem e escrevem, mas que precisam engajar-se quando da execução de tais atividades. É papel do professor construir esse engajamento, numa atitude de corresponsabilidade frente aos desafios enfrentados pelos aprendizes nos espaços de linguagem pelos quais se mobilizam. Observe-se o relato:

## Relato 2.

### **Porque é através do registro que deixamos nossas “pegadas” no mundo...**

Sou Marta Maria Silva Oliveira, tenho 42 anos, santarena. Mas fiz o Curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá. E há 17anos ministro aulas de Língua Portuguesa. Por 5 anos atuei na rede de ensino privada. E há 12 anos estou na rede pública, 08 desses anos trabalhei em escolas municipais marabaense, e atualmente faço parte do quadro de funcionário da rede estadual de ensino.

O insucesso dos estudantes da escola pública, quando o assunto é LEITURA, sempre me trouxe INQUIETAÇÃO. E no ano de 2001 ao realizar uma pesquisa de campo para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação - que teve como tema “A prática de Leitura no Ensino Fundamental: Discussões e Propostas” - percebi o quanto precisávamos avançar, pois as atividades em voga ainda estavam vinculadas à uma concepção de leitura como processo de decodificação. E como consequência a prática em sala de aula era a predominância de atividades mecanicistas em que o aluno era, como acerva Paulo Freire (1980): *Um mero depósito de conhecimento bancário*, isto é, um mero repetidor de informações, passivo, inerte. Essas postulações teóricas, as vi a olho nu, durante a realização do estágio, aliás essas vivências foram um divisor de águas em minha formação docente, porque a partir dali pude mudar o olhar...

Nas aulas de Língua Portuguesa observadas em quatro escolas da rede municipal de Marabá o que regia o ensino era a “LEIDURA”, como bem já destacou Ezequiel Theodoro Silva, pois a LEITURA CRÍTICA não tinha nem vez e nem voz. Os alunos sob a observação implacável da professora viviam uma espécie de SOFRIMENTO máximo, ao oralizarem em voz alta os fragmentos de texto - porque o texto não aparecia na íntegra - tremiam como vara verde, isso quando conseguiram emitir determinado som, pois alguns mal sussurravam e desistiam de ler após o grito retumbante da mestra. Na outra etapa do martírio, os estudantes copiavam, literalmente todas as questões do livro didático. E sem tempo para discutir, analisar o texto, as aulas findavam.

Ao longo de vários dias de observação, as aulas de língua materna seguiam esse mesmo rito sacro. Eu, cá com os meus botões pensava “Esse filme já vi e

vivi”. Era igualzinho, quando eu estudava lá pelos idos de 80/90. Mudanças?! Nehumazinha!!! E de súbito, embevecida por uma VONTADE semelhante à da Raquel (protagonista da BOLSA AMARELA), que na maior parte do tempo ficava escondida, mas que naquele momento MOTIVAVA, INCOMODAVA, e sobretudo, MOVIA minha consciência. Provavelmente, brotava em mim o sentido do verbo MUDAR, ao menos em mim, a forma de ensinar a Língua Portuguesa! Era preciso vencer os moinhos de vento, derrubar os muros das desigualdades por meio dos textos. Fazer valer o direito de aprender a ler e escrever na escola.

No segundo de atuação na Escola, elaborei o Projeto Jovens Escritores... essa atividade envolveu os alunos do 6º e 7º ano. As aulas foram transformadas em OFICINAS. O gênero selecionado foi o POEMA. Fazíamos rodas de leitura, dramatizações de alguns poemas escolhidos pelos alunos, produziram, reescreveram e a última etapa foi a produção de um CD (com poemas produzidos pelos alunos e outros de autores consagrados) e um livro, ambos distribuídos no dia da festa em comemoração ao dia das mães. A produção do CD contou com a participação do professor de Matemática (por ter uma banda de música, ele contava com os equipamentos para a produção). A biblioteca do Irmã Theodora não funcionava por falta de um profissional para realizar o atendimento.

Foi numa manhã ensolarada de setembro, de calor intenso, que me apresentei ao diretor da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Marina Contini. A minha primeira ação, após dialogar com o gestor, foi visitar a biblioteca, aliás, não era uma biblioteca, mas sim um depósito de livros repleto de teias de aranhas, escuro, sujo, empoeirado, lembrava bem os cenários de histórias de terror! Naquele lugar insalubre, sem vida ficavam armazenados os livros. Aquela situação disparou em mim uma enorme revolta, saí dali a procura da professora readaptada que era responsável pelo “ambiente”. Perguntei-lhe se aquele lugar era mesmo a biblioteca. E ela com cara de poucos amigos, olhou por cima das lentes dos óculos, respondeu rispidamente: “É sim! Por aqui ninguém GOSTA de LER. Os alunos são desinteressados, por isso os LIVROS estão GUARDADOS.” Aquelas palavras permaneceram em mim por longo tempo. Porém, eu precisava expurgá-las de mim. Então, disparei: “Essa situação vai MUDAR!” A velha senhora, com ar de deboche revidou: “Todos os forasteiros falam isso.”

Em meio a essas teias em formato de aulas, ou seria aulas em formato de teias?! O importante é que desatei as amarras. E comecei, ou melhor, continuei minha caminhada. Como já havia testado as oficinas de LEITURA, resolvi reconfigurá-las, a iniciar pelo tempo, pois duas aulas não eram suficientes, assim os dias de folga foram destinados para as oficinas, ou seja, no contraturno com 4 horas de duração. A sensibilização para os alunos ingressarem nessa atividade se deu a partir do relato oral das atividades já realizadas em Marabá. Também fiz um cartaz para divulgar o evento. Assim... Na primeira oficina cujo título

foi LEITURA, MUITO PRAZER! se não me falha a memória 08 ou 10 alunos apareceram, realmente, fiquei muito decepcionada, mas a VONTADE de FAZER DIFERENTE falou mais alto! Eu precisava multiplicar aquele número de participantes. Não podia deixar longas horas de planejamento se perderem. Antes de detalhar o desenvolvimento da oficina, preciso falar da contribuição das coordenadoras pedagógicas, elas me ajudaram na ornamentação do espaço, conseguiram patrocínio para o lanche diferenciado ofertado aos alunos, além de organizarem os livros na sala onde aconteceram os encontros. Partimos então para a execução das atividades! Nossa viagem começava. As boas vindas aos nossos viajantes foram dadas por meio da exposição de imagens de várias pessoas lendo: crianças, adolescentes, jovens, idosos em diferentes ambientes. Depois, alguns alunos teceram comentários sobre as imagens na roda de conversa. Também fiz o levantamento das expectativas em relação ao evento, utilizando uma técnica chamada de CHUVA DE IDEIAS a partir da palavra LEITURA. Em seguida elaboramos por escrito o CONTRATO DE CONVIVÊNCIA- as regras para o bom andamento das atividades. A próxima ação foi informar o objetivo daquele encontro, deixei claro que era oportunizar o contato com textos sem o compromisso de fazer exercícios interpretativos. Ler descompromissados, sem obrigação nenhuma. Um ato como bem postula Ana Maria Machado (2002): Ninguém tem que ser obrigado a ler. Ler é um direito de cada cidadão, não é dever. A seguir, uma dinâmica de apresentação com gestos espontâneos em que cada aluno se expressava através de um gesto e os demais repetiam. Passamos, então para o relato da minha experiência como leitora, contei-lhes, detalhadamente como fui conduzida por minha mãe ao universo da leitura. Foi um momento de extrema emoção para mim, tanto por relembrar minhas primeiras aventuras de leitura como por perceber o grande envolvimento dos participantes ao ouvirem o relato. Emoção a parte, veio o momento do encontro com os textos, Na sala colocamos varais com poemas, livros sobre algumas mesas ornamentadas, revistas e jornais nos cantos da sala. No chão colocamos carpete e almofadas. Foi uma iniciativa propositalmente pensada, porque os meninos e meninas puderam ler confortavelmente. Logo após o momento de leitura livre, alguns alunos comentaram as fábulas ou contos que leram, outros pediram para levar o livro escolhido para ser lido em casa. Ao final houve avaliação do encontro, a maioria dos estudantes gostou muito e se comprometeu, voluntariamente em conquistar novos participantes para as oficinas vindouras. O lanche especial deu o toque final para celebrarmos a inauguração de nossas viagens longínquas. Realmente, na segunda o número de estudantes superou as expectativas!

Conforme o relato, precisamente no excerto em destaque, a docente fala de suas inquietações em relação à prática da leitura, que é tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Letras/Língua Portuguesa, cujo título

é “A Prática de Leitura no Ensino Fundamental: discussões e propostas”. A partir deste trabalho, pôde perceber a necessidade de uma concepção de leitura que pudesse avançar em relação a processos de simples decodificação. Nesse sentido, com base em Paulo Freire (1980), questiona a existência de um aluno como mero depósito de conhecimento bancário, em outras palavras, um simples repetidor de fórmulas, conceitos e nomenclaturas. Constata-se, então, que a docente, com base em teorias mobilizadas em sua formação inicial, já se investe de uma postura um tanto crítica, referindo-se a determinadas vivências que se constituíram, de acordo com suas palavras, como um divisor de águas na sua formação, mudando sua perspectiva sobre o que se entende por atividade leitora.

A professora constatou, nessas experiências, que os alunos do ensino fundamental, nas escolas em que realizou o estágio docente, viviam uma espécie de sofrimento, mormente quando oralizavam, em voz alta, fragmentos de textos, sempre sobre o controle autoritário da mestra. Conforme o relato da docente, “os estudantes dessas turmas copiavam literalmente todas as questões do livro didático”. Não havia tempo para se analisar e discutir os textos fornecidos pela professora. Durante os vários dias em que realizou o estágio de observação, a professora relata que as aulas de Língua Portuguesa seguiam um ritmo mecânico e cansativo, prática que a incomodava, mas também a movia em direção a outras perspectivas e ações.

Já como professora numa escola municipal de ensino fundamental, elaborou um projeto denominado Projeto Jovens Escritores, direcionado para os alunos do 6º e 7º anos. Assim, suas aulas foram transformadas em oficinas. O gênero trabalhado inicialmente foi o poema. No âmbito dessas oficinas, fez rodas de leitura, encenações de alguns poemas escolhidos pelos alunos, produção de textos poéticos e reescritura destes, culminando com a produção de um CD, no qual havia poemas produzidos pelos alunos e por autores consagrados, além de culminar também com a produção de um livro, sendo estes dois distribuídos na festa de comemoração do dia das mães. Com base neste excerto, podemos observar que a professora está disposta a avançar em relação a algumas práticas já cristalizadas, bastante presentes não só nas escolas da época em que fez o estágio, mas também ainda inseridas em contextos atuais de ensino de língua.

Continuando seu relato, a professora mostra-se preocupada com a biblioteca que, no âmbito das suas observações, constitui um depósito de livros, sujo e empoeirado. Ao questionar essa situação, a docente faz um novo investimento nas oficinas de leitura, as quais passam a se realizar fora do turno no qual dá aula, com 4 horas de duração. Nessas oficinas, sensibiliza os alunos a ingressar nas atividades, tendo por base relatos orais de atividades realizadas anteriormente na cidade de Marabá (PA). Num primeiro momento, faz cartazes para divulgar os

eventos de leitura. Na primeira oficina, aparecem somente oito ou dez alunos, o que, de certa forma, a decepciona. Entretanto, realiza novos investimentos, organizando o espaço onde as atividades devem se realizar. Faz uma exposição, na qual consta imagens de várias pessoas lendo: crianças, adolescentes, jovens e idosos nos mais diferentes ambientes. Neste espaço, os alunos tecem comentários sobre as imagens nas rodas de conversa. Também faz o levantamento de expectativas acerca desse evento, com a utilização de uma técnica denominada Chuva de Ideias, a partir da palavra Leitura. Dando prosseguimento, oportuniza o contato com os textos, sem a obrigação de fazer exercícios interpretativos, deveriam ler descompromissados, sem obrigação nenhuma. Ainda no âmbito de suas oficinas, a professora usou de sua criatividade, teatralizando, junto com os alunos, textos lidos, de forma a engajá-los naquilo que liam. A mestrandia encara o ato de ler como um direito e não como um dever, conforme postula Machado (2002).

Conforme a relatante, observa-se que a sua experiência leitora, conduzida pela própria mãe, a faz pensar a leitura como espaço pelo qual podemos, com o lúdico e para além do lúdico, nos apropriar dos diferentes sentidos em construção no mundo, mas consideramos ser a sua formação o espaço desencadeador para a construção de um profissional leitor. Embora sua criatividade e experiência contem muito, sua formação contribuiu, direta ou indiretamente, para o que mais tarde se constituiria uma prática. É a partir das próprias ações leitoras da professora, que os alunos constroem sentidos para o que fazem e para o que leem. No entanto, é necessário um compromisso político em direção às práticas de leitura, que devem constituir-se como relevantes para os que as direcionam e para aqueles a quem estas são dirigidas, levando em conta sempre as experiências dos sujeitos que aí estão envolvidos, que passam a se reconhecer nos textos que leem e escrevem, não numa perspectiva especular ou repetidora, mas como reconstrução ou deslocamento dos referentes com os quais têm contato em sua ação de compreensão e interpretação dos textos que passam a ler.

É tarefa do profissional de língua viabilizar práticas leitoras, considerando não só os seus objetivos, mas também os propósitos daqueles a quem convoca em suas ações, não para ensinar coisas, mas para desvelar e/ou desmistificar significados preconstruídos ou pré-fabricados, indo-se além de significações correntes e estabilizadas. Por essa perspectiva, cabe ao professor-leitor questionar tais significações, convocando outras que possam se contrapor a estas, veiculadas em outras esferas de produção do sentido, numa atitude de responsabilidade reflexiva a tudo que já está dito ou que poderá vir ainda a ser enunciado.

## 5 | CONCLUINDO POR ENQUANTO

Os dois relatos, em análise, levam-me a considerar que a formação do licenciando constitui-se como relevante para as suas futuras atividades docentes. Se essa formação se apresenta como parâmetro positivo para uma escola na qual os alunos devam se constituir como agentes do que leem e escrevem, então ela deve ser repensada na forma como é construída nos espaços de formação dos graduandos em Letras, saindo-se da rotinização e dos conteúdos, para atividades que, de fato, possam corresponder às exigências requeridas pelos espaços sociais e institucionais, compreendendo que esses espaços primam por instabilidades e conflitos, de forma a requerer-se uma formação à altura de tais exigências. Nesse sentido, deve se instigar espaços formativos em que os licenciandos possam construir uma atitude reflexiva e responsiva diante dos desafios e complexidades da sociedade contemporânea, na qual as linguagens, cada vez mais diferenciadas entre si, requerem de formadores e formandos ações cada vez mais interventivas em relação aos modos de construção dessas linguagens, com investimentos progressivos e diferenciados em relação às práticas tradicionais de ensino de língua ainda correntes nas instituições formadoras.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COLOMER, T; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

KLEIMAN, A. **Leitura e Interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Leitura**: ensino e pesquisa. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2011.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura** – teoria e prática. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2013.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 16ª ed. Campinas: Pontes editores, 2016.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2009 a.

\_\_\_\_\_. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009 b.

MACHADO, V. R; CASTANHEIRA, S. F; BESSA, A. L. C; OLIVEIRA, F. E. de. **Leitura e mediação pedagógica no ensino fundamental**: formação continuada de professores. In: *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola Editorial. 2012.

MOURA, H. L. M. A argumentação em petições jurídicas: um estudo do gênero a partir da análise do discurso. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: conceituação e ensino.** Mimeo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Leitura e formação do professor de língua da Educação Básica.** Mimeo, 2014.

\_\_\_\_\_. **A produção de leitura na escola: objetivos e desafios.** Mimeo, 2016.

\_\_\_\_\_. **A leitura como espaço para formação de professores da educação básica: há um outro caminho?** 2017.

## ÍNDICE REMISSIVO

### D

Didática 52, 83  
Diferença 24, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 84  
Duplo 18, 70, 76, 79, 84, 86, 87

### E

Ensaio sobre a cegueira 1, 2, 3, 14  
Ensino de língua portuguesa 25  
Espaço 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 36, 38, 40, 50, 59, 63, 65

### F

Formação docente 25, 27, 34

### I

Interdisciplinaridade 39, 59

### J

José Saramago 1, 2, 61

### L

Leitura 15, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 60, 61, 62, 63, 64, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 82, 87  
Linguagem de programação 52, 55  
Literatura 15, 16, 17, 19, 23, 49, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88  
Literatura-psicanálise 76, 82

### M

Matemática 35, 59, 60, 61, 63, 64  
Mentiras 65, 67, 69, 70, 71, 72, 74  
Moodle 52, 53, 54, 57, 58  
Música e literatura 15

### P

Palavras 1, 2, 15, 19, 21, 25, 35, 37, 41, 52, 59, 60, 63, 65, 68, 69, 70, 72, 74, 76  
Performance do texto literário 15  
Práticas Pedagógicas 30, 58, 76

## S

Sala de aula 30, 33, 34, 52, 53, 57, 58, 64, 76, 85, 87

Subjetivação 41, 42

Subjetividade 74, 76, 77, 80, 88

Surdez 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51

## T

Teatro brasileiro 15

## V

Verdades 65, 67, 69, 70, 71, 72, 74

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**